



“NÃO EXISTE VIDA LIVRE SEM TERRA LIVRE”: HISTÓRIA DE VIDA E MILITÂNCIA DE UMA LIDERANÇA QUEBRADEIRA DE COCO DO TOCANTINS¹

“THERE ISN'T FREE LIFE WITHOUT FREE LAND”: LIFE'S AND MILITANCY'S HISTORY OF A BABASSU COCONUT BREAKER WOMAN LEADERSHIP IN TOCANTINS

Maria do Socorro Teixeira Lima²

Rejane Cleide Medeiros de Almeida³

RESUMO: Este trabalho apresenta as compreensões políticas de uma liderança quebradeira de coco na região norte do estado do Tocantins, as quais versam sobre a concepção de terra, capitalismo e agroecologia, com um importante apanhado histórico sobre como estão articuladas e se formam as lideranças e resistências nessa região de constantes conflitos agrários. A partir de uma fala que dá abertura a um evento acadêmico, a liderança dona Maria do Socorro T. Lima aborda os saberes que os povos marginalizados dentro dos territórios produzem, mantêm e os mobilizam para a luta. Nessa perspectiva, como produto de uma apresentação oral, este texto também se configura como um registro das vozes de uma agente política cujos conhecimentos são relevantes para toda a coletividade.

PALAVRAS-CHAVE: quebradeira de coco; agroecologia; terra livre; território; coco babaçu.

ABSTRACT: This paper presents the political understandings of a coconut breaker woman leadership in the northern region of the state of Tocantins, which deal with the concept of land, capitalism and agroecology, with an important historical overview of how the leaderships and resistances are articulated and formed in this region of constant agrarian conflicts. Based on a speech that opens an academic event, the leader Mrs. Maria do Socorro T. Lima addresses the knowledge that marginalized peoples within the territories produce, maintain and mobilize for the struggle. From this perspective, as a product of an oral presentation, this text is also configured as a record of the voices of a political agent whose knowledge is relevant to the entire community.

KEYWORDS: coconut breaker woman; agroecology; free land; territory; babassu coconut.

¹Este texto foi produzido a partir da articulação das Coletivas Raimundas, coletivo feminista de pesquisadoras nas regiões Norte e Nordeste que se interessam por questões de divisão sexual trabalho, raça, classe, entre outros fatores, a partir de uma perspectiva interseccional. Nesse movimento, foi organizado o “Novembro Negro: diálogos étnicos e interseccionais”, que contou, como conferência de abertura, com a fala de Dona Socorro, primeira autora deste texto.

² Liderança e militante quebradeira de coco do Tocantins, com atuação nacional e internacional. Presidente Nacional da Rede Cerrado, membro CGN/ DGM Brasil presidente da ASMUBIP vice- presidente do CNS.

³ É membro das Coletivas Raimundas, docente da Universidade Federal do Tocantins, curso de Educação do Campo e Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território, atuando na área Interdisciplinar com Estudos, Pesquisa e Extensão, nos seguintes temas: Povos tradicionais e Etnicidade, Mulheres Camponesas, Ribeirinhas, Quilombolas, Conflitos agrários, Movimentos Sociais do Campo, Nova Cartografia Social, Agroecologia, Educação do campo e popular com ênfase no Pensamento Educacional Freireano. E-mail: rejmedeiros@uft.edu.br



INTRODUÇÃO

O nosso coletivo passou a se chamar Coletivas Raimundas em homenagem à Dona Raimunda Quebradeira de Coco, no entendimento do que significa o trabalho de tantas mulheres que sofreram com o processo de invisibilização neste país. Então, é a nossa homenagem a muitas mulheres que trabalham e nem sempre têm o mesmo reconhecimento, o mesmo olhar em relação ao trabalho que realizam. Mas aqui no Coletivas Raimundas a gente tem esse espaço para reflexões sobre nós e conosco!

Temos visto que não basta estudar, pensar a questão da raça. É necessário refletir também a questão do gênero. As mulheres são quem mais sofrem dentro das políticas de exclusão, dentro das políticas de exploração. Mas é necessário, também, pensar classe, porque a exploração está presente nas relações sociais o tempo inteiro. Nas nossas relações do cotidiano, isso também repercute. Então, pensamos o seguinte: seria classe, gênero, mulheres, exploração do trabalho. Além disso, talvez, seja o caso de ampliar essa questão em relação à raça. Por que? Porque a racialização é também uma forma de exclusão. Quando pensamos no contexto regional, os grupos étnicos entrelaçam-se, dialogam, conversam.

Por que trazer uma quebradeira? Porque o nosso exemplo, a nossa identidade é construída em cima dessa questão da mulher quebradeira e da Dona Raimunda, mas isso se espalha, amplia para outras coisas. Neste evento “Novembro Negro: diálogos étnicos e interseccionais”, queremos trazer a mulher nortista, a mulher indígena, a mulher quilombola que são, como nós também queremos, pretendemos ser, que estamos aprendendo a ser, mulheres-resistência.

MULHER, QUEBRADEIRA DE COCO BABAÇU, AGRICULTORA

Maria do Socorro Teixeira Lima nasce no dia 5 de março de 1952, em Pedreiras, Maranhão. Dona Maria do Socorro é quebradeira de coco, agricultora familiar, apicultora, mulher com múltiplas identidades. Dona Socorro disse, em uma conversa comigo: “Sou a formiga rainha, a formigona da minha casa. É a formigona, aquela que faz tudo. Sou tudo na minha casa: pai, mãe, irmão, tia, cunhada, sobrinha, neta, tudo. Quem define tudo na minha casa sou eu. Eu gosto de compartilhar, de conversar, mas eu tenho que exercer essas tarefas”. O que a Dona Socorro mais gosta de fazer é quebrar coco. Lá, ela planeja, ela pensa, ela faz os planos dela, ela tem as ideias, porque elas vêm bem fresquinhas na cabeça enquanto ela quebra



coco. Dona Socorro já andou muito, desde a América Latina, incluindo o Brasil. Mora no Assentamento Camarões, no município de Praia Norte, na comunidade de Jatobá (Tocantins).

Dona Maria do Socorro Teixeira Lima é presidente nacional da Rede Cerrado, membra do CGN [Comitê Gestor Nacional], DGM Brasil [*Dedicated Grant Mechanism for Indigenous Peoples and Local Communities*] e vice-presidente do CNS [Conselho Nacional de Seringueiras].

A VOZ DA LIDERANÇA: MARIA DO SOCORRO

Eu não tenho nem palavras para agradecer esse momento de tanta honra, de estar falando para professores e alunos. Mas eu tenho certeza que, assim como eu aprendi, todos aprendem também. Eu queria começar falando o seguinte: nós somos as palmeiras coringas. Chamo de coringas porque nós palmeiras somos coringa, capota, pindobas e palmitos. Essa etapa de nossa vida da palmeira é igual à nossa, mulher, nós mulheres. Nós somos bebês, depois somos criancinhas, depois adolescentes, jovens e depois adulto e depois terceira idade, e assim vai para o fim. Então, a palmeira é a mesma história nossa.

Nós mulheres somos a mesma coisa da palmeira de babaçu. Ela é tão, tão sensível que nem nós, que ela nasce, ela produz com a mesma idade. Agora, nesse sistema que nós estamos vivendo, palmeira pare com 15 anos, mulher pare com 15 anos, menos de 15 anos até. Então, é a mesma coisa: é nove meses para o cacho, é nove meses para nós também termos os nossos bebês. Então, isso é coisa da natureza que ninguém tira de nós, da mulher e da palmeira.

Recentemente, em São Miguel, realizamos uma feirinha dos produtos agroecológicos produzidos pelas quebradeiras de coco da regional do Bico do Papagaio⁴. A feira que realizamos foi muito boa. Contou com a participação de muitas autoridades, organizações sociais e moradores de São Miguel. A gente teve o privilégio de receber jornalistas, radialistas, muitas pessoas de Palmas, de Araguaína, Tocantinópolis, Imperatriz, São Luís, que vieram prestigiar essa nossa feirinha e fazer compra dos nossos produtos, porque é um produto produzido sem

⁴ No dia 7 de novembro de 2020, “foi realizado na cidade de São Miguel do Tocantins (TO) a I Feira Agroecológica do Babaçu e da Agricultura Familiar em celebração ao Dia Estadual das Quebradeiras de Coco Babaçu Tocantinense, que marca o reconhecimento da luta organizada das quebradeiras pela defesa dos babaçuais e territórios livres. A data foi inspirada e escolhida em memória de Dona Raimunda do Coco, por toda sua trajetória de luta e articulação política pelo direito das mulheres do campo”. Disponível em: <https://www.miqcb.org/post/quebradeiras-do-tocantins-realizam-a-i-feira-agroecol%C3%B3gica-do-baba%C3%A7u-e-da-agricultura-familiar>. Acesso em 18 de set. 2021.



agrotóxico, sadio, que as pessoas comem e têm certeza de que não vão se sentir mal. Então, foi muito lindo.

Além disso, celebramos o primeiro Dia Estadual da Quebradeira de Coco do Tocantins, em homenagem à Dona Raimunda Quebradeira de Coco. Raimunda Gomes da Silva é o nome dela, mais conhecida como Raimunda dos cocos. Tivemos ajuda dos deputados, senadores e governadores de Palmas, que aprovaram a lei da criação desse Dia Estadual da Quebradeira de Coco no Tocantins, em honra à Dona Raimunda, no dia 7 de novembro, dia do seu falecimento. Foi justamente nesta semana, no dia 7 [de novembro de 2020], completando 2 anos de seu falecimento, que a gente realizou a feira. Foi emocionante, foi difícil. A gente teve os filhos de Dona Raimunda conosco, não todos, porque ela foi uma mãe de muitos filhos, mas contamos com três filhas mulheres e um filho homem lá no evento. Para nós, foi uma vitória. Foi muito importante a gente fazer essa homenagem a ela e agradecer a quem lutou para que essa lei fosse aprovada, do Dia Estadual da Quebradeira de Coco do Tocantins, nesse dia de Dona Raimunda, o dia que ela faleceu.

Somos um movimento de quebradeira de coco interestadual, de quatro estados: do Piauí, do Maranhão, do Tocantins e do Pará. Os outros três estados comemoram o Dia da Quebradeira de Coco no dia 24 de setembro. Nós ficamos felizes por isso. A gente está triste porque não comemora no dia das outras companheiras dos outros estados, porque se fosse tudo no dia 24 seria uma celebração interestadual. Para nós, não foi possível. Mas nós estamos muito felizes com quem lutou para que esse dia fosse aprovado, sancionado, o Dia da Quebradeira no Tocantins. A gente chorou, a gente cantou, a gente dançou, a gente vendeu, a gente comeu. Foi muito ótimo.

O mais importante foi ouvir as pessoas dizerem assim: “Olha, que gostoso! Eu não sabia que o babaçu dava um alimento tão gostoso”. As pessoas estavam degustando os nossos produtos, as nossas comidas feitas com o babaçu. Além disso, a gente ouviu as companheiras falarem assim: “Poxa, eu já fiz 200 reais. Ah, eu vendi bem. Hoje foi bom, hoje foi bom demais”. Então, isso deixa a gente muito feliz, porque Dona Raimunda sonhava muito que tivéssemos mercado livre, o produto no mercado, e que pudéssemos dizer que éramos quebradeiras.

Passei 25 anos de lado a lado, levando a bolsa dela para o aeroporto, tirando do ônibus, botando no carro, botando no trem, tirando do trem, botando no táxi, botando no ônibus, no



avião, porque ela não dava mais conta, que já estava velhinha. Eu carreguei essa “boroça”⁵ de Dona Raimunda por 25 anos, e me orgulho de dizer: é minha musa, é minha mãe! Ela é minha mãe, ela foi e continua sendo, porque foi nela que me inspirei. Hoje eu sou uma liderança interestadual, internacional, brasileira conhecida, uma liderança muito conhecida, e eu agradeço à Dona Raimunda, porque ela era isso. Por onde passava, ela me levava, como que dizendo: “Olha, minha filha, eu estou te preparando para tu seguir a viagem quando eu me sair”. Então, foi isso o que aconteceu e é isso que está sendo realizado. Eu tenho orgulho de dizer isso.

Agora, vamos falar dos nossos avanços, dos nossos conflitos, dos nossos desafios, porque tudo traz alegria, mas tudo traz tristeza e tudo traz trabalho. É difícil e é fácil, depende da situação, da maneira que a gente está vivendo e, principalmente, do sistema atual, que a gente está vivendo aquela época daquilo que você quer conquistar. Eu quero começar pelo bom.

Antes disso, quero dizer que comemoramos as três Raimundas, nesse dia 7: Dona Raimunda Gomes da Silva, a quebradeira do Tocantins; Dona Maria de Jesus Ferreira Bringel, Dona Dijé; e a Maria Adelina, do Maranhão também, lá da mesma regional da Dona Dijé, outra palmeira que tombou, Deus levou, mas que foi de grande importância na nossa luta. As três foram de grande importância, e eu convivi com as três! Eu acompanhei a entrada no movimento, no mandato dela no movimento das quebradeiras de coco. Eu acompanhei a Dona Dijé; eu era o braço forte de Dona Dijé; eu era a pessoa confidencial de Dona Dijé; eu ouvia Dona Dijé e Dona Dijé me ouvia nas nossas agonias. A Dona Raimunda foi minha professora, que foi a minha mestra, que foi a minha musa, que me criou! Ela me levava para o movimento e ia me ensinando: “Olha, Socorro, isso e isso não é assim. É assim, assado. Olha, Socorro, não faz assim. Faz assado”.

Então, assim, a gente está vivo e a gente vai para frente. Agora, nós, todas as quebradeiras de coco, desde os anos 1992, que criamos esse movimento dos 4 estados, as quebradeiras de coco dos 4 estados unidas numa só busca, numa só conquista, a gente criou o Movimento Quebradeiras de Coco para defender a quebradeira de coco, o valor do babaçu, do produto, mostrar que o babaçu tem valor, e buscar que os governos aprovassem o valor do babaçu, o nosso respeito como quebradeira, para quando chegarmos no INSS [Instituto Nacional de Seguro Social] para se aposentar dizendo que somos quebradeiras e sermos

⁵ Esse termo, regionalmente, tem o sentido de bolsa, mochila ou mala de viagem.



respeitadas. A gente lutou pela identidade das quebradeiras de coco. Então, essa nossa luta não foi em vão e nem será.

Eu vou morrer também e as nossas companheiras que estão na frente vão continuar na luta dizendo: “A gente conseguiu a Lei do Babaçu Livre, que era uma das nossas grandes lutas”. A gente conquistou a Lei do Babaçu Livre em vários municípios do Maranhão, do Tocantins, do Pará, do Piauí. A nossa lei do Tocantins foi a primeira; nós estamos de parabéns. Nossa Lei do Babaçu Livre do Tocantins foi aprovada e sancionada em agosto de 2008.

A gente conquistou em vários municípios, mas a gente levou para o [nível] Federal e não conseguiu, até hoje, que fosse aprovado. A gente lutou durante o governo do Lula, durante os governos de Dilma, muitos deputados tentando ajudar a gente, mas a gente não conseguiu que essa lei fosse aprovada nacionalmente. Mas nos estados ainda estamos engatinhando. Foi primeiro no Tocantins, depois no Piauí e no Maranhão, enquanto no Pará está andando. A gente conquistou também o nome, o nome! Olha, quebradeira de coco não podia dizer que era quebradeira de coco no INSS, porque não era respeitado, não era aceito. A gente conseguiu! Hoje eu me aposento como quebradeira de coco. Então, a gente conseguiu o nome.

A gente também conseguiu reconhecimento. Nós, quebradeiras de coco, interestadual, o nosso movimento interestadual, o MIQCB [Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu], é reconhecido dentro e fora do país: na Inglaterra, Estados Unidos, Nova Iorque, Londres, e África nós somos conhecidas. A gente também conseguiu o valor dos produtos. Hoje, nosso azeite tem valor, nosso sabão tem valor, nosso carvão tem valor, nosso sabonete tem valor e nosso óleo tem valor, tudo tem valor. O artesanato tem valor, tudo tem valor. Graças a Deus, a nossa luta é uma grande conquista. Também conseguimos a cadeia do babaçu. Então, hoje a gente vende, graças a Deus, porque a gente pode vender.

A gente conquistou também a criação de uma Cooperativa Interestadual. Não foi fácil! Não foi nada fácil, porque para a quebradeira de coco nada é fácil. Para a mulher, nada é fácil; tudo é difícil. Mas lutou e conseguiu, e criamos uma Cooperativa Interestadual: no Piauí tem a regional da cooperativa; no Maranhão tem regional da cooperativa, e em três regionais - no Mearim, na Baixada Maranhense e Imperatriz; tem no Pará, em São Domingos do Araguaia; e aqui no Tocantins, em São Miguel do Tocantins, na cidade de Dona Raimunda.

A gente tem também uma regional respeitada. Isso foi uma grande luta e uma grande conquista, além do direito à aposentadoria. Por isso que eu explico: eu estou falando de PAA [Programa de Aquisição de Alimentos], de PNAE [Programa Nacional de Alimentação



Escolar], estou falando de PGPM-Bio [Política de Garantia de Preços Mínimos para os Produtos da Sociobiodiversidade]. Essas três políticas foram conquistadas e alcançadas pelas quebradeiras. Infelizmente, ainda não chegou no Tocantins e no Pará, mas Piauí e Maranhão já estão acessando. Mais de 500 quebradeiras já acessaram o PNAE e o PGPM-Bio no Maranhão. No Piauí, elas já estão conseguindo também, já estão acessando. Eu só não sei dizer aqui o volume, mas elas já estão acessando. Infelizmente, o nosso Governo do Tocantins, cada um que sai, cada um que entra é pior do que o outro.

A nossa política pública para nós, quebradeiras no Tocantins, não fede e nem cheira. Então, nós ainda estamos sem vender nossos produtos no PAA e no PNAE, e sem pegar o PGPM-Bio. E não é falta de lutar com essa CONAB [Companhia Nacional de Abastecimento]. A gente corre, corre, corre até cansar, e cansa e não consegue nada. Então, a gente teve essas várias conquistas. A gente alcançou DAP [Declaração de Aptidão ao Pronaf], para as quebradeiras, identidade, CPF, carteira de profissão, tudo. Diante de muitas lutas, muito sofrimento, discriminação e ameaça, mas a gente conseguiu. Agora, vamos deixar esse pouco que a gente conseguiu, porque falta muita coisa ainda.

Em relação à nossa Lei do Babaçu Livre, a gente agora está usando um outro termo. Não existe Babaçu Livre sem Terra Livre! Se a terra for livre, liberada para as quebradeiras de coco, aí sim o babaçu fica livre. Enquanto o babaçu ficar cercado de arames e de cercas elétricas e nas mãos de fazendeiro, sem que tenhamos o nosso pedacinho, nunca, nunca, nunca vai ter Babaçu Livre. Isso significa um de nossos conflitos de luta, que nós lutamos e vamos morrer lutando, porque não acataram.

PROJETO DE DESENVOLVIMENTO (MATOPIBA): AS FORMAS DE DESTRUIÇÃO DOS TERRITÓRIOS

O outro, como eu já comecei nos conflitos, eu vou falar das ações, execução e efetuação do MATOPIBA⁶ para nós, quebradeiras no Tocantins, Maranhão e Piauí, porque nos atingiu. No local que existe atuação do MATOPIBA, o conflito conosco é porque eles devastam, eles

⁶ Segundo o site do Embrapa, o “MATOPIBA é uma região formada pelo estado do Tocantins e partes dos estados do Maranhão, Piauí e Bahia, onde ocorreu forte expansão agrícola a partir da segunda metade dos anos 1980 especialmente no cultivo de grãos. O nome é um acrônimo formado pelas siglas dos quatro estados (MA + TO + PI + BA)”. Disponível em: <https://www.embrapa.br/tema-matopiba/sobre-o-tema>. Acesso em 17 de agosto de 2021.



derrubam, eles acabam com o nosso babaçu. E o babaçu eles não plantaram. É uma coisa de Deus, uma coisa que Deus deixou para nós, para nós sobreviver. Nós temos que lutar e brigar para que eles permaneçam lá, porque é de lá que nós vivemos, é de lá que nós tiramos o alimento de nossa família e para a nossa sobrevivência. Eu disse numa brincadeira, numa piadinha, que me perguntaram assim: “Dona Socorro, o que a senhora fez durante a pandemia?”. Eu quebrei coco! Eu não estava impedida de viajar? Eu não estava impedida de fazer reunião, de participar dos encontros, das coisas? Eu fui quebrar meus cocos. Quebrei coco, quebrei coco, quebrei coco! Então, é assim. É porque é uma coisa que é uma atividade da gente e de lá a gente tira a nossa sobrevivência. Também entretém o nosso tempo. É uma coisa que não tem valor, o babaçu. É um valor que não tem medida!

Porque é assim: o MATOPIBA é dinheiro, é projeto aprovado de governo. Nós somos guardiãs da floresta. Então, nós brigamos para a floresta manter em pé. O governo pega e vende, porque tem que ter dinheiro. Então, dá esse apoio. Tipo assim, eu estou doendo a cabeça, vou na farmácia e compro um *Anador* e tomo: aliviou a cabeça ali. Então, a gente vive isso; é o sistema atual que nós estamos vivendo. Para nós, provar que nós estamos certas, estamos no caminho certo; mostrar para eles o que queremos, discutindo e lutando, e implantando as práticas de agroecologia.

O MATOPIBA é contra as nossas ações, as ações dos projetos. Enquanto eles devastam tudo, nós preservamos tudo. Então, fica essa briga: eles de um lado derrubando, queimando, jogando veneno, devastando tudo; e nós do outro lado “ei, não derruba essa palmeira. Ei, não devora os palmeirais”⁷. Fica essa luta toda, porque nós preservamos tudo. Há a atuação das grandes empresas, que perseguem, que tentam destruir nossa organização.

Algumas, hoje, falam: “Ah, tem comunidade que não nos aceita mais, na organização”. Por quê? São conversadas pelos técnicos das empresas, que o que vale é dinheiro, o que vale é desenvolvimento. E para nós não é isso. O que vale é a palmeira em pé e nós vivas dentro. Então, é assim. Causa esses conflitos. Vem, do outro lado, o capitalismo, as grandes empresas dos investimentos florestal, reflorestal, dizendo ser agroecológico, que, para mim, vocês me desculpem, que enquanto teca e eucalipto forem agroecologia, para mim, eu me mudo de lugar.

Ecologicamente é meu pé de manga, é meu pé de caju, é meu pé de babaçu, é meu pé de cajá, é meu pé de bacuri, que nasceram, que Deus plantou e eu só o preservo lá. Isso sim é

⁷ Trecho da música “Xote das quebradeiras de coco”.



agroecológico, que não tem veneno! Mas teca, eucalipto, soja, isso é agroecologia desde quando? Nunca! Então, isso também é um desafio, um conflito, que nós lutamos muito contra. Eu não posso falar só de quebradeira de coco. Ouçam bem! Quebradeiras de coco, ribeirinhas, pescadeiras, seringueiras, castanheira, indígena, quilombola, é um povão que aglomera a Rede Cerrado, da qual eu sou presidente. Então, eu não posso deixar de lado o meu povo, porque todos são atingidos pelo mesmo sistema do MATOPIBA, pelo mesmo sistema do agronegócio, pelo mesmo sistema do capitalismo, do grande desenvolvimento do agronegócio que destrói, que não fica nem carrapato nas árvores, que não fica uma sede d'água, uma fonte para se beber.

O cerrado está se acabando. Porque é nossa caixa d'água, é o nosso berço de água. A Amazônia traz a chuva. Sem as matas não tem chuva. Então, a Amazônia traz a chuva, mas quem estoca é o Cerrado. É dele que tiramos a água que bebemos. As quebradeiras de coco, os seringueiros, os castanheiros, os ribeirinhos, as cipozeiras, os veredeiros, os povos de terreiro que acompanham a gente, é a mesma coisa. As quebradeiras de coco, os indígenas e os quilombolas, nós lutamos tudo por um objetivo, que é manter a floresta em pé, viva, e a água dentro para nós bebermos.

Outra coisa: a invasão dos territórios. Os grandes grileiros invadem as terras indígenas, grilando; inventa que está arrendando, oferece dinheiro, porque a terra é rica. A terra é rica porque os indígenas não devastam, não queimam, não derrubam; por isso que é rica. Depois que derruba, queima e joga veneno, a terra não presta, e terra que não presta eles não querem. Eles querem terra boa. E quem tem terra boa? São os índios, porque preservam, as quebradeiras, porque lutam para preservar, os quilombolas, porque têm tradição de preservar, por isso. As reservas extrativistas que eles estão grilando é porque os extrativistas preservam a floresta, porque é dela que vivem.

Então, é uma invasão para tirar a madeira, derrubar, vender. As empresas madeireiras tiram as madeiras. As empresas do óleo roubam o petróleo, o gás, o carvão; invadem. No Mearim [região central do Maranhão, em torno do Rio Mearim], a gente tem empresas; no Pará, também, empresas sequestrando petróleo nas nossas terras. Quando abre o poço, pronto! Aquela área já era; não fica nem gente, porque só a catinga expulsa a gente de lá. Você vê o clamor das pessoas, das famílias que lá vivem, que nasceram lá. Velhos de 60, 80, 90 anos que nasceram lá chorando de tristeza de ver a desgraça acontecendo. Isso é muito ruim. E é nos territórios QUILOMBOLAS que acontece isso, no Maranhão. Além disso, há a invasão das terras indígenas também no Tocantins, em Tocantinópolis, no território Apinayé.



Os empresários botam dinheiro para os índios arrendarem as terras. Assim, cria o conflito maior do mundo, porque uma parte de indígena quer preservar e outra parte sofre [pressão] para arrendar. Então, cria o conflito entre a categoria. Isso é semear a discórdia, e o culpado disso: capitalismo, agronegócio.

A destruição, o desmatamento, as queimadas e a aplicação do veneno em nossas palmeiras: são umas que derrubam, outros que tocam fogo, outros que aplicam veneno na palmeira. A palmeira morre em pé, vai morrendo devagarinho. Aqui no Pará está para acabar com todas as palmeiras. As palmeiras estão lá em pé, mortas, para todo mundo ver. Faz dó se ver a palmeira em pé morta. Eles aplicam o veneno com motosserra, uma coisa que fura a palmeira e aplica o veneno lá dentro, e ela vai morrendo devagarzinho. Depois disso, eles botam fogo; aí, pronto! E isso sem falar nas pindobas, nos palmitinhos novos. Isso é um dos nossos conflitos, que nós vivemos, que nós lutamos.

A outra coisa é o desrespeito. No início da minha fala, eu disse que nós temos a Lei do Babaçu, de preservação do babaçu, aprovada em Palmas, no nosso estado. Apareceu um deputado que não tinha o que fazer, criou uma briga com a empresa Tobasa⁸ - e eu posso falar, porque eu tenho certeza. Eu só sei que ele, para mexer com a Tobasa, veio mexer conosco. Botou uma confusão danada, criou um outro decreto contra a nossa Lei de Babaçu Livre aprovada em 2008. Isso aconteceu em 2017, no final do ano de 2017. Eu, quebradeira de coco, Socorro do Tocantins, coordenadora geral na época, ajuntei tudo quanto foi de Entidade: 32 organizações me apoiaram, desde a CONTAG-Brasília e Palmas, de lá para cá, indígena, UFT, Movimento Sem-Terra, todo mundo, foi todo mundo. Foram 32 organizações me apoiando no dia 8 de março. A gente ocupou a Assembleia Legislativa do estado, em Palmas. Mas eu falei: “eu vou provar para ele quem que pode mais, se é ele sozinho ou se somos nós, as quebradeiras de coco, 400 mil quebradeiras de coco. Se ele puder conosco, ele vai em frente”. Nós ocupamos a Assembleia e dissemos para ele que tinha que retirar. Mas esse negócio está engavetado. Esse negócio está quieto, engavetado.

Isso é desrespeito. Uma lei que já tinha sido aprovada! Nos municípios, os prefeitos dos municípios e os outros governos dos outros estados - posso falar do Pará, Piauí e Maranhão... Maranhão até nem tanto, porque o governador atual é uma pessoa muito boa; ele, às vezes, nos

⁸ Tobasa Tocantins Babacu S.A. é uma empresa no Brasil, com o escritório principal em Tocantinópolis. Opera no setor de Fabricação de álcool etílico entre outros produtos de origens do coco babaçu. A empresa foi estabelecida em 13 de Maio de 1968. Disponível em https://www.emis.com/php/company-profile/BR/Tobasa_Tocantins_Babacu_SA_pt_1155868.html. Acesso em: 19 de set. 2021.



ajuda. Os prefeitos dos municípios onde há a lei nem a conhecem, porque o prefeito da época, que aprovou, engavetou e tchau. Os outros que entram e saem não estão nem aí não. Então, isso é um dos conflitos grandes que a gente carrega, dentre esses outros muitos que eu já falei para vocês.

Agora, eu quero dizer o seguinte: nós não paramos! Nosso desafio é esse: continuar na luta, lutando por aquele objetivo que nós queremos. Eu vou mencionar aqui quais são os que eu estou lembrando. Um deles é dar o troco para esses governos que devoram, destroem e aprovam.

PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS

Então, há a luta pela agroecologia, porque desde que o mundo é mundo que as mulheres lutam por isso. Agora, foi mais necessário, porque está havendo muita devastação, muita derrubada, muita queimada no mundo.

A gente está tentando implantar essa questão da agroecologia geral, nacionalmente. Todas as mulheres do país estão discutindo e lutando pela segurança da agroecologia, por dois motivos: porque, se nós brigarmos pelas matas, pelas florestas, nós temos vida lá, nós temos água lá, nós temos o extrativismo lá; se nós lutarmos com o nosso produto sem o uso do agrotóxico, nós estamos preservando aqui, nossos netinhos, nossos filhos, nossos bisnetos, estamos preservando a nós mesmas, e preservando até esses fajutos que não aceitam a agroecologia. Porque a água que vai para a sua mesa eles dizem que é mineral. Olha, companheiras, é mineral mesmo. Mas ela mina de onde? De onde é que ela mina? Não é da terra? E, para ela minar da terra, precisa de quê? Da fonte. E a fonte precisa de quê? Das árvores para segurar. O que falta é eles estudarem o que nós dizemos, e escutar o que a gente diz.

Disseram que as quebradeiras de coco têm que estudar o MATOPIBA, porque nós falamos do MATOPIBA. Nós não precisamos estudar projeto nenhum quem vem acabar com o que preservamos, acabar com o que conservamos. Então, junto com isso que nós lutamos da agroecologia, estamos preservando nossa saúde, estamos lutando contra a fome, contra a sede, e a violência contra a mulher e a floresta, os indígenas, os quilombolas, também contra as mortes e as ameaças que a gente enfrenta.

Nós, as guardiãs das florestas e das águas, que é isso que nós somos, lutamos continuamente contra a devastação e as queimadas dos nossos biomas Amazônia e Cerrado,



para viver e enfrentar o COVID-19, e o descaso do governo atual. Os ataques de grilagem nos nossos territórios, os indígenas, os quilombolas, nas reservas extrativistas e nas comunidades tradicionais, são constantes e são muitos.

TERRITÓRIO, CASA COMUM

Território representa tudo para os povos porque é nosso lugar de origem, porque é nossa casa comum, onde todos vivem com seus costumes, com nossas culturas, e porque é um espaço livre, onde se planta, se colhe, se extrai, se preserva, se conserva, dança e vive e morre. Território de todos, território livre, de todos, para todos e com todos! Não é matando os anciãos, aqueles mais velhos que têm experiência, que ensina como nós fazemos a luta. Mata um dos nossos anciãos para intimidar a gente. Dona Dijé foi morta porque lutava pelo quilombo de Monte Alegre do Maranhão⁹. Lá foi um conflito; foi não, é. Os filhos de Dona Dijé estão todos ameaçados de morte. Nós do Bico temos exemplo disso, porque aqui nós perdemos o Padre [Josimo]¹⁰. O Padre morreu para hoje nós termos os assentamentos que possuímos. Aqui no Bico do Papagaio, aqui no Tocantins, os assentamentos que existem foram graças a Deus e aos ensinamentos do Padre Josimo. Como nós traçamos essa luta, vencemos e nos organizamos, hoje temos essa terrinha que cada um dos assentados possui.

Então, eu quero finalizar dizendo: não existe vida livre sem terra livre.

Artigo recebido em: maio/ 2021

Artigo aprovado em: julho/2021

⁹ Fundadora do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu — grupo formado por mulheres extrativistas do Maranhão, Tocantins, Pará e Piauí —, Dijé lutava, ao lado de outras lideranças, pela regulamentação do Conselho Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais, que representa mais de cinco milhões de brasileiros, entre indígenas, quilombolas, ciganos, seringueiros, extrativistas e outras dezenas de grupos. Dona Dijé teve um infarto fulminante, apenas três dias depois de ter sua luta reconhecida oficialmente. Disponível em: <https://teste.amazonia.org.br/2018/09/morre-dona-dije-lideranca-historica-das-comunidades-tradicionais-do-brasil/>. Acesso em 19 de set. 2021.

¹⁰ Padre Josimo era coordenador da Comissão Pastoral da Terra – CPT no Bico do Papagaio. Padre Josimo Tavares: 27 anos de martírio. Acompanhou os/as trabalhadoras/es na luta pela terra. “Há 20 anos atrás, o Brasil vivia momentos de transformações políticas e econômicas que dinamizavam o cenário das relações políticas. Na região do Bico do Papagaio a situação não se diferenciava. Com o anúncio do fim do regime ditatorial havia uma rearticulação política das oligarquias rurais na chamada Nova República. A luta social se encontrava diante de fortes momentos de tensão e conflito por parte de fazendeiros e trabalhadores rurais que tinham na Igreja, na CPT, nos sindicatos e nos novos movimentos sociais do campo uma esperança em ver realmente a Terra partilhada para todos e todas (Claudemiro Godoy do Nascimento). Disponível: <http://www.ihu.unisinos.br/171-noticias/noticias-2013/519890-padre-josimo-tavares-27-anos-de-martirio>. Acesso em 18 de set. 2021.